

Aefarrabios

fanzine ano 0 - 12/2016 n.º I



O Manifesto

ALFARRÁBIOS DO SUBTERRÂNEO À LUZ DO URBANO

A publicação do ALFARRÁBIOS remonta o período de subversão da produção cultural dominante nas décadas de 60 e 70. Considerando que a publicação de trabalhos artísticos, ainda, permanece nas mãos das grandes editoras e que, somente, os célebres artistas atendem aos interesses das mesmas, esta publicação coletiva marca a necessidade e a atualidade dos fanzines do período de expressão do movimento de contracultura.

Originado da expressão fanatic magazine, fanzine é classificado como “revista de fã”. É uma forma de edição promovida por fãs de alguma temática como, por exemplo, histórias em quadrinhos, obras de ficção científica, filmes, poemas, contos, música etc. É uma publicação livre e artesanal, elaborada por pessoas apaixonadas por algum tema que desejam compartilhar com outras pessoas, também, admiradoras das mais diversas expressões artísticas e culturais.

Despojado de qualquer pretensão do ponto de vista comercial e intelectual, o fanzine se tornou um meio de comunicação alternativo de produção cultural e de difusão dos ideais do movimento underground da década de 60.

Nascido nos Estados Unidos na década de 60, o movimento denominado “contracultura” foi marcado pelo o ideário libertário da juventude dessa época. O descontentamento político e social; as manifestações contra a organização social capitalista, os valores burgueses, o racionalismo e o cientificismo; o impulso dado para as transformações comportamentais e o rompimento com a cultura hegemônica e conservadora são algumas

{ Andreia de Carvalho

das características desse movimento que se propagou para diversos países, dentre eles o Brasil.

Reacendendo a resistência de outrora, ALFARRÁBIOS é inaugurado com o manifesto construído por Edson Amaro, afirmando a que veio esse fanzine - que não se pretende único. Seu curioso nome não requer maiores comentários aqui, pois o mesmo foi, magistralmente, traduzido por Carlos Brunno Silva Barbosa. Destaco, apenas, a irreverência do nome que exprime, por um lado, a proposta deste fanzine e, por outro, a de seu idealizador: Paulo de Carvalho que costuma se apresentar, simplesmente, como “utópico, maluco e poeta”.

Por fim, não poderia isentar de irreverência e ousadia aqueles que, não somente, aderiram à proposta do lançamento do ALFARRÁBIOS, mas que, também, fazem dele um instrumento de disseminação cultural fora dos padrões de produção capitalista que visa o mercado e o lucro em detrimento do amplo acesso aos trabalhos artísticos e da igualdade de oportunidade de divulgação para os artistas que não são renomados.

Nas páginas deste primeiro número do ALFARRÁBIOS O leitor irá se inquietar com as idéias provocativas de Gabriel de Souza e Lucas Rodrigues; será tocado pela agudeza e radicalidade dos poemas de João Ayres; a elegância e sonoridade das palavras de Marco Valença; as imagens de Luís Carlos de Carvalho ; imagens intangíveis reveladas nos refinados versos de Paulo de Carvalho; poemas intimistas de Jammy Said e os questionadores de Edson Amaro, além de histórias e desenhos de Alexandre Nietzsche que resgatam os bons tempos dos quadrinhos.

Iniciou a sua carreira artística em 1973 participando da XII BIENAL DE SÃO PAULO.

Artista visual: arte contemporânea / street art - pintura, gravura, desenho, fotografia, graffiti, xarpi e outras milongas mais.

{ Le Barba



{ Le Barba



{ Le Barba



{ Joao Ayres

Poeta, ensaísta, romancista, compositor e
cantor de samba, jazz e blues.

Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.

Autor de

Poemas Malditos,

Poemas do Rasgo da Hora,

Poemas em Riste,

Poemas em Cortes Profundos e

Poemas da Morte Presumida



1 Pisar em coisas vivas é saudável.

Pisar no substantivo laranja, no substantivo formiga ou no substantivo mais do que concreto barata.

Pisar em nomes vivos é saudável.

Pisar no substantivo lata, pisar no substantivo chão, pisar no substantivo areia.

Escutar o não dito nos aproxima do fim e é por isso igualmente saudável.

Costumo ir de encontro ao vento quando nada tenho em mim.
Costumo andar em gerúndio no verbo andar sem maiores comprometi-
mentos com qualquer conjugação.

Andar infinitivo em ar e para além do eu ando ou eu estou andando.

Andar simplesmente andar adverbialmente por aí.

{ POEMAS DESTITUIDOS DE SI MESMOS.

2 Dois mortos/
numa rua escura/
e o silêncio/
de quem nada viu.

Basta fechar os olhos/
para reencontrar as origens/
na respiração compassada
antes do substantivo abstrato ser.

Dois mortos
sem nome algum
na rua escura/
a recobrar os sentidos/
em qualquer mente proscrita.

Dois mortos/
numa rua escura/
em ninguém viu/
no abandono dos nomes.

3 Um homem diz o que diz/
longe de si mesmo e das palavras/
ele acorda e caminha na direção contrária/
sem destino em qualquer que seja o lugar.

Ele está de malas prontas/
como se o substantivo jornada pudesse tomar sua mente de vez/
quando ele diz o que diz, longe das palavras e de si mesmo/
em algum lugar próximo à palavra escuridão.

1 Um poema e mais um tanto/
de qualquer coisa qualquer/
aberta ou fechada em lata/
encontrada na palavra lixo.

o lixo e o poema/
em versos no correr da noite/
há mais frio nas entranhas apodrecidas/
há mais morte em ninguém circula por aqui.

2 Minha mãe me criou/
e sabia que eu não daria para nada/
e sabia que este nada/
estaria sempre em mim como um saco de plástico vazio.

Minha mãe sabia/
que eu não teria serventia alguma/
e disse que não poderia comparecer ao meu enterro/
pelo fato de ter que fazer as unhas.

Minha mãe em meus pesadelos noturnos/
eu que arrancava aquelas unhas terríveis/
em comeu e não gostou em pretérito perfeito/
em cheiro de naftalina no substantivo armário.

3 Pedaco de nada/
nesta rima apodrecida/
pedaco de nada na madrugada/
que não come marmelada/
nunca prestou a desgraçada/
torpe e açucarada/
vencida pelo substantivo noite.

olhos fundos e falsos/
quando subiu ao cadafalso/
e respirou tranquilamente/
antes de morrer no chão quente/
dos becos secos da rua em questão/
sem sangue nas veias/gelado o coração/
rimando com o vento em todo tormento/
correndo do tempo em alazão.

Professor de Língua Portuguesa da rede estadual do Rio de Janeiro, tradutor, poeta e ator. Publicou pela editora Fragmentos seu livro de poemas "Ouro Preto e Outras Viagens" e pela editora Buriti sua tradução do romance "Valperga" de Mary Shelley.

EDSON AMARO

TRADUTOR

POETA

ATOR

PROFESSOR

{ Edson Amaro



Nestes versos tabus enfrentarei
 Que tanta gente pobre deixa morta.
 Jamais em meu silêncio aplaudirei
 Uma lei que condena quem aborta.
 Pra salvar as mulheres eu direi:
 “Um Código busquemos mais humano!
 Não quero obedecer ao Vaticano! ”
 Se livres pra pensar nos diz o Estado,
 Com dogmas nossas mãos nos tem atado
 Nos dez pés de martelo alagoano.

Médicas e juízas não têm medo
 Quando sentem prenhez indesejada:
 Pagam por segurança e por segredo;
 Fácil fazem a escolha interdita.
 Tal não se dá co’ a pobre favelada:
 Ela arrisca seu corpo a grave dano:
 Proibir não impede que aconteça
 E que só gente pobre assim faleça
 Nos dez pés de martelo alagoano.

Na Europa é direito garantido,
 Como aconselha a sábia OMS,
 Mas aqui nosso Estado emouquecido
 Jamais ouve quem tal drama conhece.
 É tabu nos palanques omitido
 Desejar reduzir tão grande dano,
 Pois se teme um IBOPE leviano.
 Portugal libertou-se em referendo
 Debatendo na praça o medo horrendo
 Nos dez pés de martelo alagoano.

{ NÃO TEMEREI MORRER EXCOMUNGADO

O Uruguai logo ali teve Mujica
 Que o problema enfrentou com tal coragem:
 A mulher oriental não se complica
 – O governo lhe dá justa abordagem.
 No hospital, livremente ela se explica,
 Conselhos recebendo quanto ao plano,
 Mas, se não a convence o bom decano,
 A semente da estufa é removida,
 Da mulher se salvando a jovem vida
 Nos dez pés de martelo alagoano.

Portugal e Uruguai neste caminho
 Estatísticas viram reduzidas;
 Derrotaram o tal tabu daninho
 Protegendo das jovens tantas vidas.
 No Brasil feito igual eu adivinho,
 Basta não mais temer o Vaticano
 Nem fariseus iguais Feliciano.
 Após o bom combate ter travado,
 Não temerei morrer excomungado
 Nos dez pés de martelo alagoano.

(27-06-2016)

{ NAO TEMEREI MORRER EXCOMUNGADO

O Universo comprimido inteirinho
Num ponto bem menor que o desta frase.
E que tudo contido ali se vaze,
Treva e luz se expandindo no caminho.
Só imagine quanto disse acima –
Do Big Bang entendes a teoria?
De explicar isso a gente desanima
Pois onde algo semelhante encontraria?
Talvez na aparição tão luminosa
De teu ser que renova o quanto há –
Nova vida que se abre-me qual rosa;
Te sinto onipresente lá e cá.

Quem ama compreende logo tudo:

O Cosmos sem amor é vazio mudo.

(26/07/2016)

Para o vate Henrique Vieira, em cuja congregação li este soneto.
 “[Jesus] Então fez um chicote com cordas e a todos expulsou do templo, justamente com os bois e as ovelhas; jogou no chão o dinheiro dos cambistas e derrubou suas bancas” (João 2: 15; tradução da CNBB)

“Quem ameaça a religião não são as pessoas que dizem que Deus não existe. Quem ameaça a religião são essas pessoas que dizem que Deus existe mas que vivem como se Ele não existisse.” Pastor Mozart Noronha, da Igreja Luterana

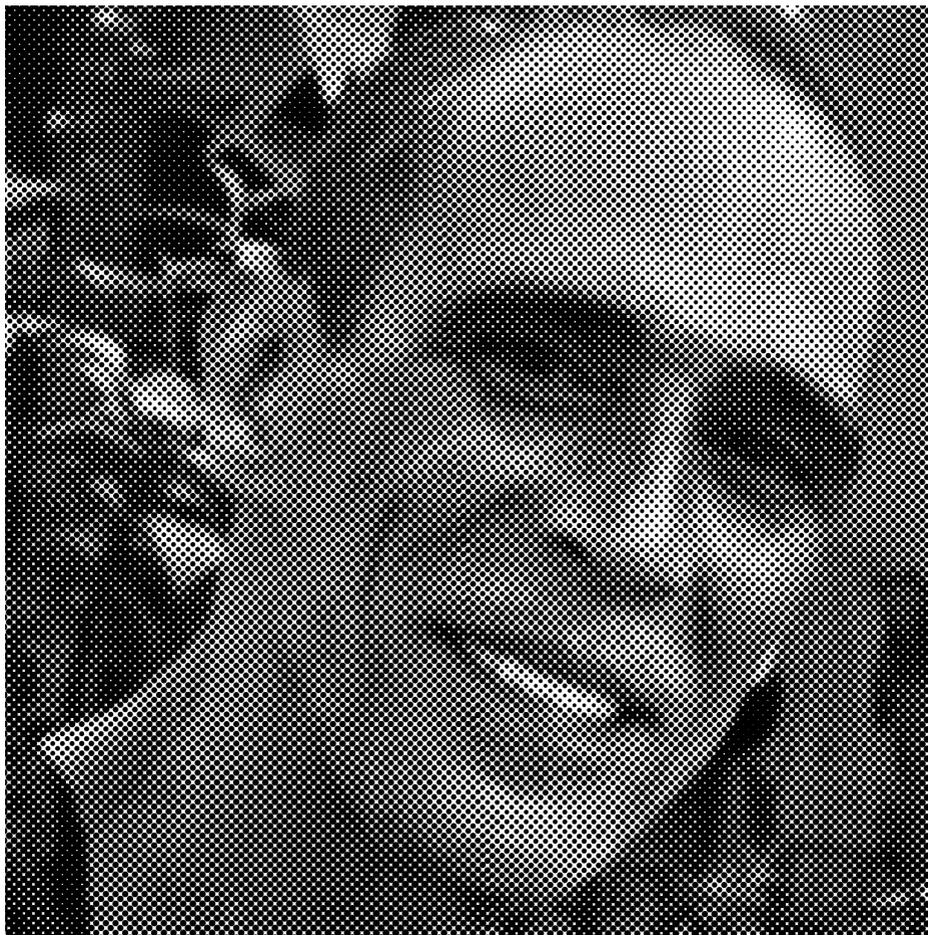
Ligo a tevê e vejo um fariseu
 As virtudes louvando de um martelo
 Ungido com o poder que Deus lhe deu
 Para concretizar qualquer anelo:
 Em Asgard não tem Thor uma arma igual,
 Até mesmo Aladin terá inveja
 Do que vende em escala industrial
 O pastor, sempre pobre, dessa igreja,
 Que promete fartura, bens, riqueza
 Mas todo dia implora por dinheiro
 E, doentes curando com presteza,
 Viaja pra se operar lá no estrangeiro.
 Cada oração devia ter esse mote:
 “Quando voltar, Jesus, traga um chicote!”

(24-08-2014)

Poeta

Compositor

Fotógrafo



{ Marco Valença

mudar

é lançar outra vez os dados
noutra mesa, noutro espaço

buscar outro resultado

mudar

é torcer no leme do barco
correntezas de sargaços

um mar novo revelado

mudar

é apressar a vez do futuro

é pichar novamente o muro

já pintado

mudar

é passar a limpo o passado

é pensar no fruto maduro

semeado

mudar

é testar novo ingrediente

para aquele sabor de sempre

ser degustado

por outro apuro

mudar

é tentar ficar mais contente

descobrir novo continente

ou outro estado

ou outro mundo

mudar

é estar sujeito a tudo

{ MUDAR

rosquear outro parafuso
mais uma vez
no mesmo furo
mudar
é ficar entre o claro e o escuro
revirar tempos e entulhos
virar talvez
ser nada e muito
mudar
é entrar na rodada da dança
e saber que em toda mudança
às vezes seis
é meia dúzia
mudar é preparar mudas
para plantar.
diferente de semear,
mudar é fazer filhos
do que já existe, enxertar,
e não, engravidar.
mudar é tratar um princípio
já ativo,
lidar de dar
continuidade à vida.
mudar é não descuidar.
mudar é tudo
menos calar.

sair do escuro
que cega,

{ MUDAR

sair do sol
que queima,
entrar no sótão
e abrir a claraboia,
ir ao porão
e cavar um túnel,
contar uma outra história
daqui para frente,
manter o volúvel,
firmar o presente.
mudar é poder
ser uma nova canção
e cantar e dançar
em muitas rodas.
mudar é tudo
menos ficar mudo.

Autor de nove livros. Tanto eu quanto alguns de meus alunos já ganhamos concursos literários nacionais e internacionais. Criei o blog “Diários de Solidões Coletivas”, organizo o Sarau Solidões Coletivas, promovo e participo de eventos em diversos lugares do Brasil.

{ Carlos Bruno Silva Barbosa

Nasci em Barra do Pirai/RJ.

Comecei a escrever quando residia em Valença/RJ.



Nos olhos cinza da desgostosa Medusa
o alfarrábio é um livro ranzinza e antigo
completamente ágrafo
de pouca valia para seu raciocínio decepado
pelo jovem homem que a manipulou
contra o espelho mágico do trágico amor,
atiçando contra ela mesma a sua inata sedução de pedra,
trancando a carcereira em sua própria cela.

Nos olhos saudosos do aposentado Perseu
o alfarrábio é um livro antigo, mas sagrado,
ainda valioso pras memórias de seu heroico e juvenil passado.
Mesmo que maltratado pelos novos vilões da tradição,
o velho livro ainda lhe salva da solidão
e do tédio impostos,
servindo de remédio contra as mazelas do tempo impiedoso,
mantendo a juventude eterna em seu velho rosto roto.

Nos olhos inexpressivos do arrogante empreendedor
o alfarrábio é apenas mais um livro velho,
valioso apenas para algum inútil colecionador.
Entre arranha-céus arranhados e sem bibliotecas,
o onipotente empresário do amanhã e senhor das hipotecas
desfila com o terno blindado contra delírios apaixonados.
Deitado em papéis verdes de valores adulterados,
ele molesta os seus verdes anos com o chicote vil do futuro acele-
rado.

Já nos olhos despertos do sonhador poeta
o alfarrábio é o infinito,
é uma eterna descoberta.

A ampulheta desenhada na leitura poética não contém terra
não corre, nem escorre, não santifica, nem condena,
não termina, nem tampouco começa, e, por esses issos, jamais se
completa,

mantendo jovem menina velha eterna
cada página do alfarrábio entre
aberta

Ela está deitada sobre a cama em chamas
 observando a lâmpada acesa
 escondendo o corpo do inverno voraz
 e eu estou faminto
 nem insatisfeito nem infeliz
 apenas faminto
 assistindo a um beijo na distância
 na tevê desligada
 Ela me pede: “não apague a luz”
 e algo acende em meus olhos
 nem estrela nem luar
 apenas uma luz
 procurando um lugar
 na cama distante
 Atendo o pedido
 e ela diz: “Obrigada, amigo”
 enquanto eu nada digo
 nem medo nem timidez
 apenas um nada amigo
 retribuindo à imaginação
 Então ela dorme
 e eu observo à distância
 a distância
 nem amor nem insensatez
 apenas a distância
 e uma luz que não se apaga
 como uma chama eterna
 como um desejo sem freio
 A dor meço

{ O defensor da Luz

Professora de Dança e Dançarina

Atriz

Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a
Cia Teatral Atuando Actus

Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos
e Poetas Raios de Sol

Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Nú-
cleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)

Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos
em Niterói



Quantas vezes tentei te tocar sem te ver.

Amanhecer em Desencontros, suando..

Suave vento a entrar pela janela a refrescar a minha pele sinto o invisível toque de suas mãos.

Ouçó o barulho da porta, corro de encontro ao nada, ao vazio que teima vir ao meu encontro. De olhos fechados procuro encontrar o que não vejo.

Apenas sinto.

Retornando a escrever, sentimento de saber.

Analisando meu ser, só ler.

Destinos, Desencontros,

Lamentos.. Parei!

Porquê?? Não sei..

Simplesmente parei..

Preso dentro de eu mesma escapei.

Chorei Vivi, Dancei..

Retrospectiva de minha vida, retorno da inspiração.

Voltei!! Porquê?? Não sei..

Lágrimas teimam em rolar na minha face como se fossem diamantes.

Lágrimas Cristalinas...

Minhas mãos não são as mesmas ao escrever.

Elas tremem, sinto o calafrio do tempo.

Ah, o tempo!

Rabiscos inacabados no papel..

Lembranças de poemas escritos nos livros meus.

Lembranças de frases inteiras e outras tantas esquecidas e perdidas no tempo.

Procuo no vazio de minha mente as lembranças de outrora e só encontro o passado no meu mundo tão presente.

Fecho os olhos das lembranças e acordo na Fantasia do Mundo Real.

Esqueço nomes,histórias, pessoas e lugares.

Mas estou presente..

Em pouco tempo que me resta nas minhas lembranças existe Poesia no meu dia.

Declamo poemas inteiros,lembro de nomes,pessoas e lugares.

As lágrimas começam novamente a rolar na minha face... Mas um sorriso ilumina meu rosto cansado que o tempo fez rugas.

Me olho no espelho e me reconheço. Passo as mãos

no meus rosto e vejo minhas mãos enrugadas com manchas que o tempo deixou.. Olho meu rosto não e mais o mesmo e vejo

marcas que o tempo perpetuou.. Minhas pernas já não me obedecem..

Meus cabelos parecem nuvens brancas e macios como algodão.

Só por uns instantes vejo o porta-retrato na mesa cabelos negros como a Noite, olhos iluminados como sol, pele macia e Jovem e

{ Rabiscos inacabados

só por uns instantes o tempo me permite as lembranças.

De repente.. Não mais que De repente..

Uma névoa passa nos meus olhos, a caneta cai das minhas mãos, o rabisco fica no papel eu olho para o porta-retrato e as lembranças do tempo se foi.

Volto a olhar o infinito com olhos lacrimejantes de saudades com pensamentos vazios que o tempo roubou.

Em algum lugar da mente ainda estou ali.

E agora quem sou?

Sou o que eu quero ser..

Sou a Noite ou o amanhecer.

Sou a Chuva que cai como uma Lágrima.

Sou o Sol que aquece seu corpo.

Sou a Lua que ilumina suas noites.

Sou a Flor que perfuma seu dia.

Sou. simplesmente sou.

Sou o cobertor que te envolve nas noites frias.

Sou a boca que te beija ardentemente.

Sou a pessoa que entrou na sua mente.

Estuda Antropologia, Artes e Teatro.

Pesquisa corpo, performance e teatro.

Quase escritor e artista.

Viciado em pensadores franceses, músicas melancólicas
e docinhos

de festa, não necessariamente nessa ordem.



Não nasci para os holofotes. Não vim ao mundo para receber glórias, vivas e aplausos. Não me apetece a fama, sucesso, dinheiro ou qualquer coisa que vocês, artistas icônicos, badalados, requisitados e endeusados fazem questão de receber por suas criações que, com toda certeza, representam a mudança de paradigma das artes na pós-modernidade. Aliás, tudo que vocês criam merece um pedestal de marfim, onde nenhum mortal não pode nem ao menos tocar, por que, quem sou eu para criticar o melhor e mais bem pago artista de nossa geração?

É que, na verdade, eu pouco me importo com o quanto de seguidores você tem no Twitter ou que o seu livro está na lista de mais vendidos da Folha por duas semanas seguidas: eu realmente pouco me importo para artistas holofote como você.

Se quiser entender o termo, eu explico. Didi-Huberman, um filósofo francês muito do bom, aliás, tem um ótimo livro (mais parece um livreto, só para colocarmos a máxima que nos menores frascos contêm os melhores venenos) chamado “Sobrevivência dos Vagalumes”, que, com o amparo da poesia de Pasolini e do Inferno de Dante são evocados os lucciole, os vagalumes, a arte de resistência, os sobreviventes, ofuscados pelos holofotes, pelos “grandes”, pelo mercado artístico, editorial, teatral, vivendo nas margens, vomitados, amassados, usados, enfiados em subempregos, vivendo em casebres com seus livros mofados, cafés frios e cigarros queimados: vagalumes perdidos num mundo iluminado demais.

Mas iluminado pela luz errada! Porque as luzes que iluminam nos impedem de ver a diversidade de outras claridades aí vivem, fla-

nando entre esquinas, becos, vielas, morros, batuques, cores, paredes, mentes e pensamentos. Vivemos de holofote em holofote, acumulando livros de grandes editoras, dos mesmos autores, visitando os mesmos museus, os mesmos festivais de cinema francês, polonês, paquistanês, bem, qualquer coisa além do curta feito por aquele colega que conversou contigo duas vezes entre uma aula e outra, enquanto você fugia de uma aula sonolenta pra fumar um cigarro em uma janela qualquer.

Bem, o fato aqui é que estou cansado de viver nas margens desses holofotes. E não, eu não quero pagar de pseudo-cult, hipster, diferente, ou qualquer outra coisa da qual seja acusado pelo que você entendeu desse texto escrito para um fanzine contra cultural. O que eu escrevo nesse texto é problema meu – mas o que vocês entendem dele é problema de vocês. Interpretem-no como quiserem, só não me acusem de coisas que eu não sou; não totalmente. O que quero é deixar aqui registrado um posicionamento político de um escritor-artista fantasma vagalume que prefere se desorientar na escuridão do que ser guiado por faróis que levam para uma unanimidade que, sabemos bem, é burra.

E que todos os vagalumes possam voar com a liberdade de quem não tem nem um destino final. Que possamos enaltecer o erotismo, a dor, a guerra, o futuro, o muro, o murro, o beco, o fim, o gozo e o recomeço.

Que saibamos ser criadores de nós mesmos, unificando nossas luzes para que, em tempos mais escuros consigamos, pelo menos, nos iluminar. Porque quando os holofotes se apagam, os vagalumes

ainda brincam no céu – e vou dizer para vocês, são nesses momentos que nosso brilho pode se intensificar.



{ - H 30/11/16

Estudante de empreendedorismo e gestão.

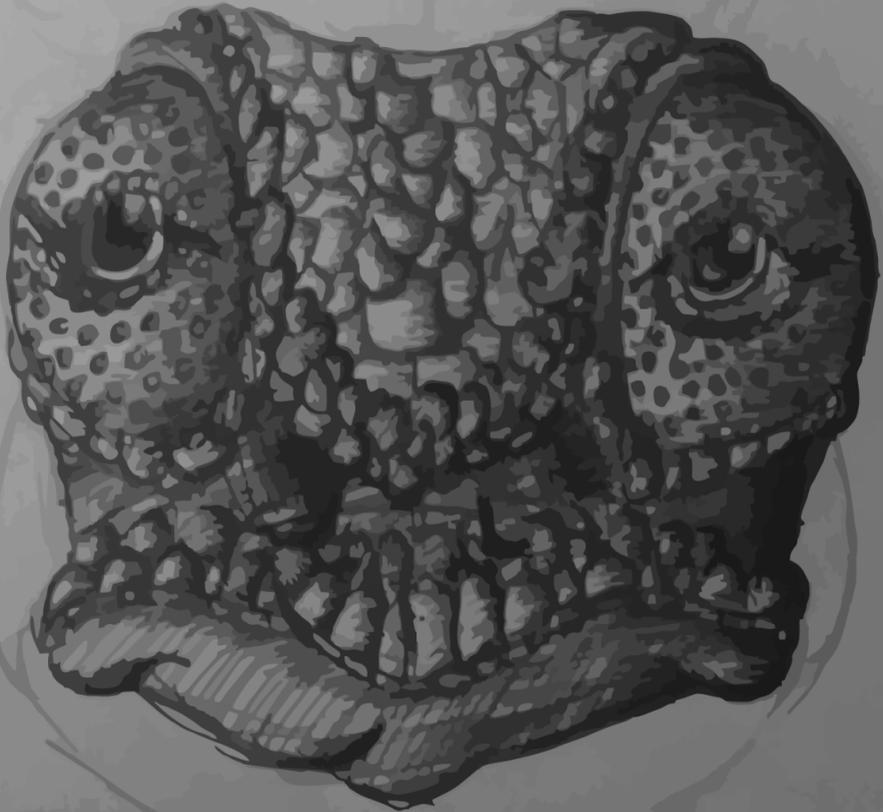
Barbeiro de profissão e por paixão.

Amante da Street Art, música e cultura underground em geral.

{ Gabriel de Souza Alves

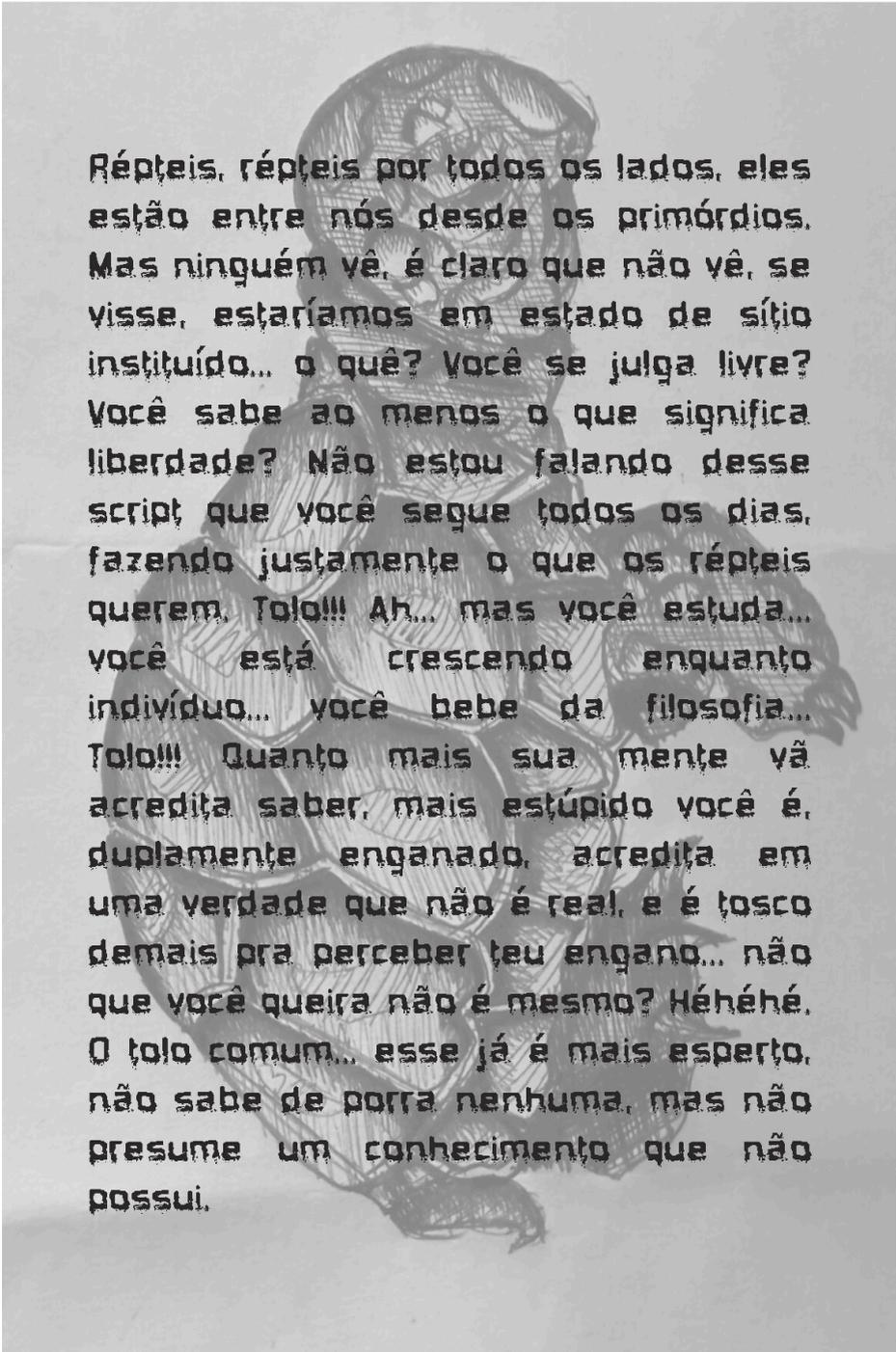


ALERTA: INVASÃO REPTILIANA!



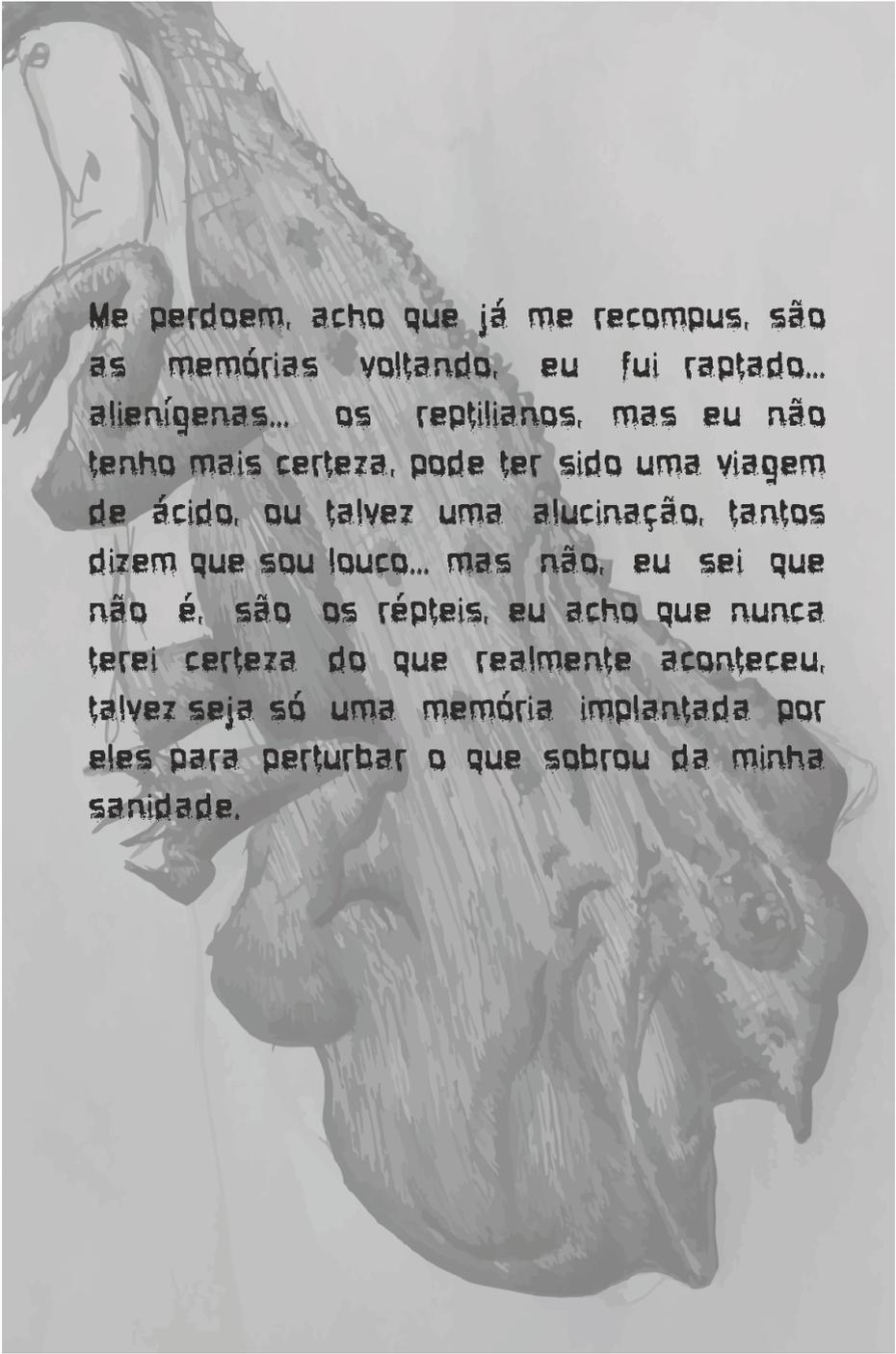
João_O_sImPleS_MeNte

{ Alerta: Invasao Reptiliana

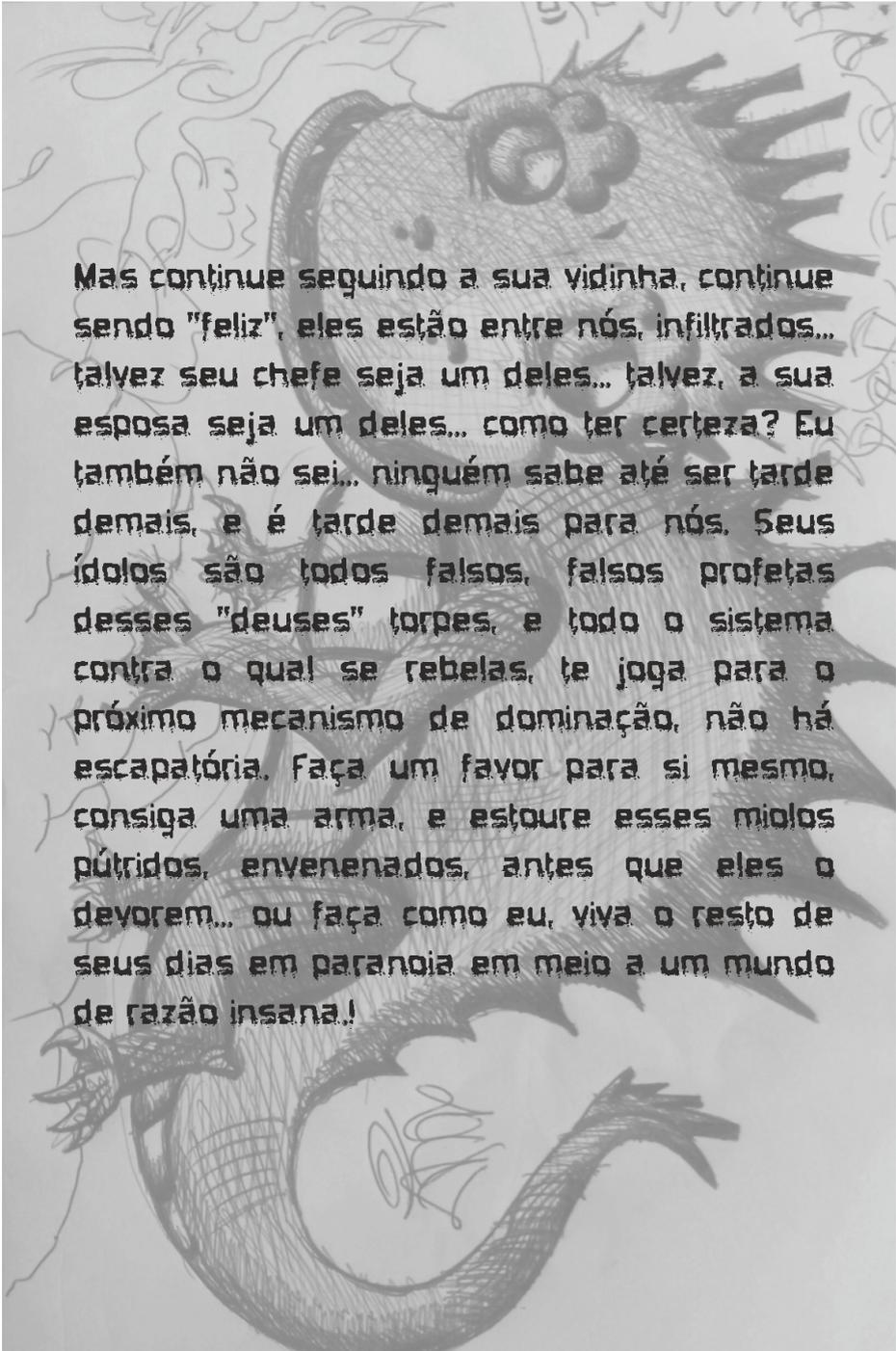


Répteis, répteis por todos os lados, eles estão entre nós desde os primórdios. Mas ninguém vê, é claro que não vê, se visse, estaríamos em estado de sítio instituído... o quê? Você se julga livre? Você sabe ao menos o que significa liberdade? Não estou falando desse script que você segue todos os dias, fazendo justamente o que os répteis querem. Tolo!!! Ah... mas você estuda... você está crescendo enquanto indivíduo... você bebe da filosofia... Tolo!!! Quanto mais sua mente vã acredita saber, mais estúpido você é, duplamente enganado, acredita em uma verdade que não é real, e é tolo demais pra perceber teu engano... não que você queira não é mesmo? Héhéhé. O tolo comum... esse já é mais esperto, não sabe de porra nenhuma, mas não presume um conhecimento que não possui.

Toda a filosofia, e ciência que temos, os grandes mestres, Tales, Leonardo, Thomas, todos beberam dos respingos da inteligência reptiliana, com o pouco que eles nos permitiram... Mas atualmente, tudo é muito menos complexo, o ser humano é mais tolo do que nunca, não precisa nem de ordens diretas pra fazer exatamente o que os répteis querem... aaahhhh... a grande conspiração... teoria de iluminação... é muito fácil pra vocês... Seus Desgraçados!!! A minha mente não, não, não vão... huff, huff, huff... eu ainda me lembro... lembro daquela noite, aquela luz tão forte.....



Me perdoem, acho que já me recompus, são as memórias voltando, eu fui raptado... alienígenas... os reptilianos, mas eu não tenho mais certeza, pode ter sido uma viagem de ácido, ou talvez uma alucinação, tantos dizem que sou louco... mas não, eu sei que não é, são os répteis, eu acho que nunca terei certeza do que realmente aconteceu, talvez seja só uma memória implantada por eles para perturbar o que sobrou da minha sanidade.



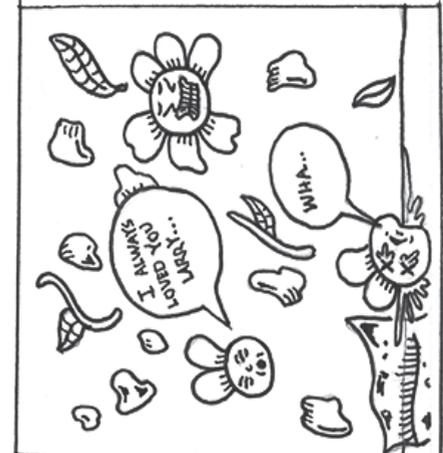
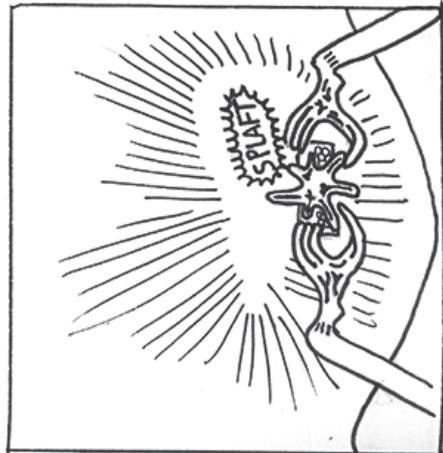
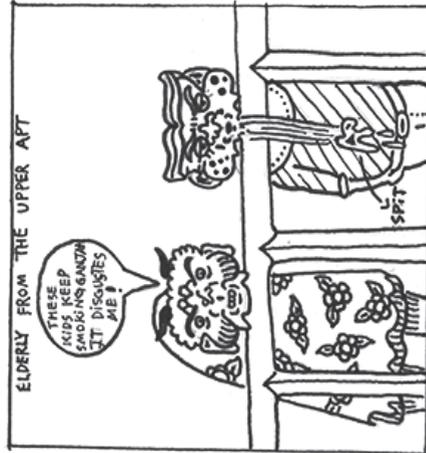
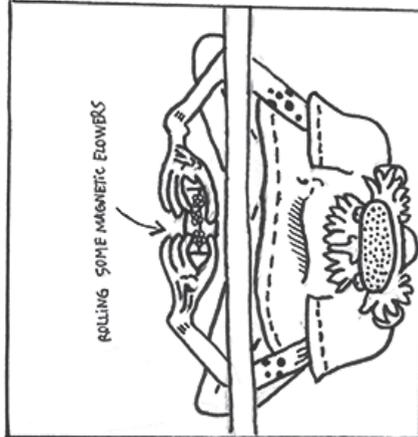
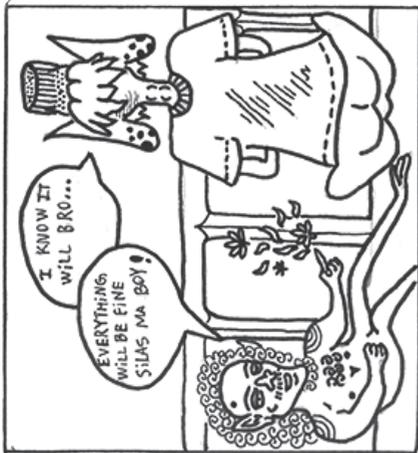
Mas continue seguindo a sua vidinha, continue sendo "feliz", eles estão entre nós, infiltrados... talvez seu chefe seja um deles... talvez, a sua esposa seja um deles... como ter certeza? Eu também não sei.. ninguém sabe até ser tarde demais, e é tarde demais para nós. Seus ídolos são todos falsos, falsos profetas desses "deuses" torpes, e todo o sistema contra o qual se rebelas, te joga para o próximo mecanismo de dominação, não há escapatória. Faça um favor para si mesmo, consiga uma arma, e estoure esses miolos pútridos, envenenados, antes que eles o devorem... ou faça como eu, viva o resto de seus dias em paranoia em meio a um mundo de razão insana.!

Me chamo Alexandre Pimentel Nietzsche Cysne,
sou designer grafico, ilustrador, quadrinhista e acima de tudo
um rato na penumbra da noite.

{ Alexandre Pimentel



{Alexandre Pimentel



Diagramador, capista, escritor e poeta

{ Paulo de Carvalho



no topo do campanário pousa silente o melro
na altura exata para o espanto da sombra
e os homens paramentam-se da luz e de livres
equilíbrios táteis nas teias... dançam tarântulas

propaga-se o assombro... escuro tombado ao chão
o fastio delineado na linha do tempo e seus ecos
a lúgubre caminhada dos homens... cânticos ocres
e dançam lúdicos crepúsculos como timbres de sol

quem saberá das palavras o nada? lugar imensurável
um alento! o aceno para fora ao que o cerne cerca de medos
e dançam... e dançam... entre ranhuras d'entrelinhas
a tela não quantificável... não qualificável — obscuro dos verbos

no topo do campanário acalanta-os o canto d'um melro
e troçam os homens como se suas não fossem as dores

e ascendem do barro como amálgamas d'espelhos
lábios esverdecidos dos limos... estelas mudas...

o silêncio

a cidade dos DEUSES mortos

[o estertor das eras sangrado nas lápides

Decantadas em neon desvelam-se as cidades e os campos

[toda desmesura dos limbos desta era quimérica

E toda Natureza entoa seus cânticos d'amalgama

[tal é a luz da vida dádiva em sete céus e véus de augúrios

Cobrem-se de aço e breu as dores e amores nas alcovas

[como saber-te as lágrimas e os cantos entre anjos d'estanho?

Consagram-te mortes em jardins de dalias e dádivas

E dívidas sacramentadas nos pergaminhos de mármore

[estatutos perpétuos d'um agora eterno — em loas ao belo!

E todos tão belos despertos em manhãs convictas

Todos tão plenos de eternidades lógicas memórias de nuvens

E vens!

E seguem lúcidos em transes mágicos passes trágicos

Trêfegos equilibristas em fios de raro vidro espelhos d'alma

E das águas turvas onde já não mais peixes ou trigo

Floresce imanente a semente do oco eco um berro dilacerante

O mais profundo abismo seu ismo exaurido em si... de si... de fim

Do saibro e da cal caiadas sancas nas antessalas grenás

De teus cânticos escoam espíritos de gesso

[quase Isso... quase lúdico... telúrico

Do cume dos campanários obsequia-te a gárgula

::

[quem te sabe o brado lancinante no gume dos aços?

{ a cidade dos DEUSES mortos

O Manifesto

Nos anos obscuros da ditadura, quando os defensores da ordem proibiam até mesmo a exibição na TV de uma dramatização da vida de São Francisco de Assis porque no elenco estava Plínio Marcos, o escritor mais censurado da nossa história (autor de “Navalha na Carne” e outras peças sobre os marginalizados), surgiu uma imprensa alternativa, cujo símbolo máximo foi O Pasquim. Em escala menor, jovens artistas criaram os fanzines, publicações modestas e desvinculadas de qualquer empresa e, assim, imunes à censura.

A palavra fanzine é a junção de “fã” + “maganize” (revista). Uma revista para fãs de determinada arte. Parece coisa antiquada, daí o nome de nossa publicação – ALFARRÁBIO. Pode ser antiquado, assim como também é antiquado proibir greves e cortar investimentos em Saúde e Educação pública, mas tá na moda, embora nada dê certo. A diferença é que cremos que o ALFARRÁBIO dará certo e poderá congrega em torno de si artistas da região metropolitana do Rio de Janeiro, adeptos da poesia, do grafite, do hip hop e de tantas artes.

O ALFARRÁBIO, modesta porém pretensiosa publicação, veio para divulgar a arte, promover a livre expressão e conectar pessoas.

Sejam bem-vindos e bem-vindas às nossas páginas.